

CAPITULO IX

Os motivos preferidos pelas crianças

Ha vantagem em conhecer-se os motivos que as crianças preferem desenhar? Como conseguimos os desenhos espontâneos. A exuberância gráfica dos desenhadores. Os nossos resultados. Os bonecos e as casas são os motivos mais freqüentemente desenhados. Máximos e mínimos de freqüência. Outras conclusões. Aspectos do desenho ainda pouco estudados.

Os pesquisadores da psicologia infantil se ocupam com particular interesse dos motivos que as crianças preferem desenhar. São, entretanto, em numero reduzido os resultados até agora obtidos.

Tais pesquisas não interessaram a G. H. Luquet, que é um dos mais agudos interpretadores do desenho da criança. Nos seus livros não ha lugar de relevo para o estudo dos motivos preferidos, desde que a criança é capaz de desenhar.

Parece evidente — diz Luquet — que eles variariam em cada criança e por isso os resultados não seriam generalizáveis. Esse juízo feito *a priori* de nada vale. Pelos resultados a que têm chegado outros psicólogos, sabe-se — e é o próprio Luquet quem acaba por aceitar — que a figura humana é, senão o primeiro em data dos motivos desenhados, ao menos o mais preponderante.

Não vemos em que se deva pôr em plano secundario essa questão de ordem de aparecimento ou de frequência dos desenhos infantis. Muito teríamos feito se chegassemos a estabelecer, com rigor, os momentos em que cada motivo é mais assiduamente reproduzido. Exatamente como a linguagem, o desenho

infantil é um instrumento valiosíssimo de pesquisa da fisionomia mental das crianças.

“O desenho espontâneo — escreve Tobie Jonckheere — sendo um meio de expressão, pode servir para melhor compreensão do estudo psicológico da criança” (1). E não raro, o desenho e a linguagem são associados para maior clareza de certos processos mentais, sobretudo os processos lógicos. Rouma, por exemplo, não dispensa os comentários que a criança costuma fazer enquanto rabisca os seus bonecos e objetos.

Intimamente ligado às questões de formação das idéas, dos interesses preponderantes em cada idade, da influência do meio, etc., é o desenho, pela objectividade e clareza de seus contornos, uma exteriorização viva da sua ainda pobre atividade mental. Além do que, como Luquet lembra, os fatores que entram na execução mesma do desenho são melhor esclarecidos.

Vê-se, como se pode concluir das próprias palavras dêste autor, que longe de serem desprezados, os desenhos livres das crianças tornam mais compreensíveis muitos pontos duvidosos da sua mentalidade ainda confusa e pobre de elementos de organização.

*

*

(1) Tobie Janckheere — *Pedagogie au jardin d'enfants* — Bruxelles, 1929.

As pesquisas que realizámos incidem sobre os desenhos feitos por 1.300 crianças, entre 4 e 16 anos. Não procedemos como Ballard: dar às crianças um certo número de sugestões, para que não se faça sentir a influência das ultimas lições recebidas. Na mesma ocasião em que fizemos a aplicação dos testes decrolianos, visando a determinação da aptidão para o desenho, estendemos a nossa pesquisa até os desenhos espontâneos. Por serem testes organizados de modo a evitar uma possível influência de hábitos graficos anteriormente adquiridos, os resultados a que chegamos mostrarão distintamente certas particularidades de estrutura e atividade mental das crianças. As cenas sugeridas de acordo com a técnica decroliana não apresentam aspectos conhecidos; levam os desenhadores a se porem em situação fóra do comum. Daí permanecerem os desenhos obtidos na fase natural em que se encontram os seus autores.

Êsses desenhos nos forneceram elementos para um duplo fim: a verificação do grau de aptidão para o desenho e o conhecimento de algumas características mentais através do desenvolvimento do desenho.

Ao lado desses testes e antes mesmo de sua execução, pediamos que as crianças desenhassem espontaneamente um objeto qualquer de sua preferência. Ficámos, assim, de posse de dados para a determinação dos motivos que elas costumam desenhar livremente. Êsses desenhos, colhidos nas condições expostas atrás, não realizam a ultima palavra em materia de espontaneidade. Se de um lado a criança escolhe por si o que desenha — motivos de sua invenção,

capricho ou preferência de momento, de outro a ausência da intenção de desenhar vem perturbar em certo sentido o que ha de mais característico na espontaneidade: o impulso interior. A verdade é que não ha processo de pesquisa do desenho infantil que não possua as suas falhas e ás vezes falhas essenciais.

Na introdução do seu livro — “Les Dessins d'un enfant” — Luquet faz sempre restrições a todos os processos que já têm sido empregados. Para ele pouco valem as pesquisas fundadas sobre método que apenas nos forneçam elementos estáticos, isto é, sobre a forma e as particularidades em determinado momento da atividade gráfica, sem informação outras de caracter dinámico, como as indicações sobre o comentario das proprias crianças enquanto desenhavam, sobre a execução dos traços, etc. Daí preferir o processo das monografias, nas quais são estudados todos os desenhos de uma mesma criança. Mas o proprio Luquet é o primeiro a notar — faça-se justiça a sua probidade — que o seu processo tem inconvenientes, entre os quais o de não podermos chegar a certas conclusões gerais. Isto sem referir o tempo que se consome com uma tarefa dessa natureza — acompanhar anos e anos o desenvolvimento de uma criança.

Na impossibilidade de conseguirmos um processo que satisfizesse todas as exigências científicas, escolhemos o que apresentasse o menor número possível de falhas. Preferimos as coleções de desenhos, acompanhados de comentarios, quando feitos por crianças novas.

Um dos fatos mais curiosos a assinalar nesta parte do nosso estudo é a exuberância grafica dos desenhadores. Não se contentavam apenas em rabiscar uma só figura ou calunga — como dizem as proprias crianças. Em algumas idades encontrámos até seis desenhos feitos espontâneamente.

O quadro que se vê abaixo indica o numero de desenhos livres por criança, para cada idade e sexo, entre 4 e 10 anos.

N.º de desenhos	4		5		6		7		8		9		10	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1 desenho	44	41	43	43	34	31	37	32	27	31	32	35	31	22
2 desenhos	6	9	6	2	10	14	8	12	10	11	11	7	11	10
3 "	0	0	1	1	4	4	2	3	8	5	2	5	6	4
4 "	0	0	0	0	2	1	2	1	2	3	3	1	1	2
5 "	0	0	0	0	0	0	1	1	2	0	2	1	1	1
6 "	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0

Vê-se claramente que em todas as idades ha maior freqüência de um só desenho espontâneo para cada criança, freqüência que aliás vai decrescendo enquanto a de dois desenhos vae aumentando. Ha a considerar ainda um certo número de crianças que faziam 3 a 4 desenhos, sendo que a maior atividade gráfica se nota entre 6 e 9 anos.

*

* *

Verificados os desenhos através das idades chegámos a conclusões que não deixam de ter um certo interesse. Entretanto achamos que o número de desenhos obtidos, 1500, entre 4 e 16 anos, ainda não é o su-

ficiente. Ballard chegou a reunir aproximadamente 20.000 desenhos (1).

Os resultados se encontram no quadro abaixo, discriminados por idade e sexo:

MOTIVOS	4		5		6		7		8		9	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Bonecos	30	30	22	30	30	24	20	16	22	16	22	14
Casas	8	8	20	8	32	40	34	30	44	46	26	36
Árvores	2	2	6	0	12	14	12	24	28	12	16	14
Flôres	6	14	2	10	8	26	10	12	4	14	4	22
Animais	14	18	2	12	6	2	6	4	16	12	4	10
Utensílios	6	10	6	8	4	8	8	20	2	20	6	18
Zepelin	6	0	14	6	8	0	12	0	14	2	16	2
Navios	0	4	0	0	6	2	10	4	10	0	12	2
Móveis	2	4	0	4	6	4	0	4	6	0	2	4
Paisagens	0	0	0	0	0	0	0	0	6	2	4	4
Frutas	2	0	8	4	2	8	6	6	8	6	2	12

MOTIVOS	10		11		12		13		14		15		16	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Bonecos	16	20	8	6	24	12	12	4	12	6	14	8	20	2
Casas	32	28	20	32	28	34	8	30	12	12	8	18	10	14
Árvores	18	22	8	20	10	22	0	20	6	12	2	12	4	6
Flôres	12	24	14	22	10	22	2	14	6	18	2	8	2	10
Animais	6	6	2	10	8	12	0	3	4	6	2	2	10	4
Utensílios	10	18	12	2	18	12	12	8	18	22	12	26	4	16
Zepelin	20	2	4	2	14	2	10	0	14	2	6	0	2	2
Navios	8	2	16	4	0	0	4	8	0	0	0	4	0	4
Móveis	2	4	16	10	8	4	10	4	4	6	2	6	2	4
Paisagens	0	4	4	4	8	8	10	24	10	20	14	2	2	4
Frutas	0	2	6	4	0	4	0	2	2	8	4	8	0	4

Pela percentagem obtida em relação a cada motivo, notamos que os bonecos e as casas são os motivos preferidos, sendo que os bonecos preponderam nos pri-

(1) A interpretação psicanalítica dos motivos preferidos pelas crianças será feita em estudo próximo — A psicanálise do desenho infantil.

meiros anos (4 a 5). De 6 anos por diante, até 13, predominam as casas. Depois dos 13 até 16 anos, óra num sexo predominam os bonecos (sexo masculino), óra noutro, as casas (sexo feminino), (Figs. 23 e 24) (1).

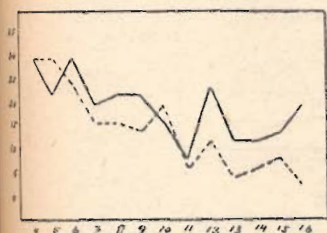


Fig. 23

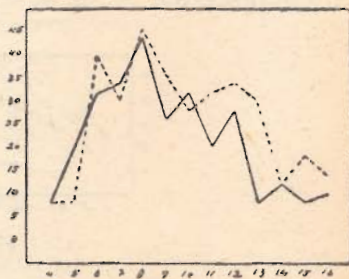


Fig. 24

O gráfico abaixo mostra a percentagem nula das paisagens aos 4, 5, 6, e 7 anos. Mais tarde é que se acentua, sendo que as crianças do sexo feminino se destacam (25%) sôbre as do sexo masculino. (Fig. 25).



Fig. 25

O desenho representando o zepelin têm uma percentagem mínima para o sexo feminino, enquanto que para o masculino a sua freqüência é notável, so-

(1) E' preciso notar que as abcissas representam as idades e as ordenadas as percentagens.

bretudo nas primeiras idades. E' preciso notar que a presente pesquisa foi realizada logo após a chegada, pela primeira vez ao Recife, da grande aeronave alemã e durante algum tempo êste foi o acontecimento empolgante em todos os meios. (Fig. 26).



Fig. 26

Uma outra particularidade a assignalar é a relativa aos desenhos de flôres. Pelo gráfico, nota-se a maior percentagem do sexo feminino sôbre o masculino. Em nenhuma idade conseguiram as crianças dêste sexo sobrepujar as daquele, o que não deixa de ser a manifestação de uma tendência bem feminina para as flôres. (Fig. 27)

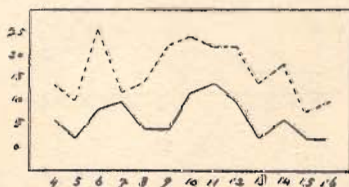


Fig. 27

Como aconteceu com relação aos desenhos reproduzindo o zepelin, nota-se no gráfico dos desenhos de navios a mesma preferência por parte dos meninos.

Apenas inexplicavelmente nas ultimas idades destaca-se um pouco o sexo feminino. Seria influência de leituras? (Fig. 28). Ou melhor seria uma influência que a psicanálise já hoje explica? (1).

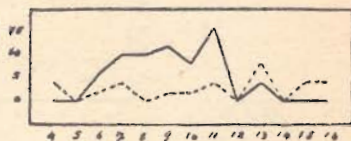


Fig. 28

Em relação às arvores e aos utensílios, apesar de serem desenhos mais ou menos freqüentes, não é possível destacar grandemente um sexo do outro. Apenas nas ultimas idades sobrelevam-se os desenhos de arvores do sexo feminino e nas primeiras idades os de utensílios. (Fig. 29 e 30).

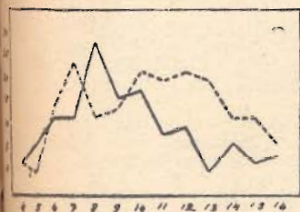


Fig. 29

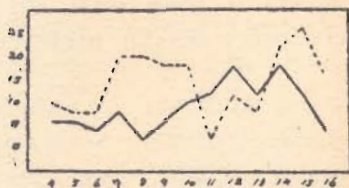
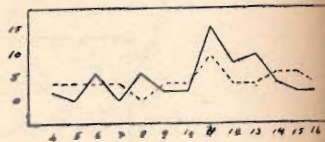
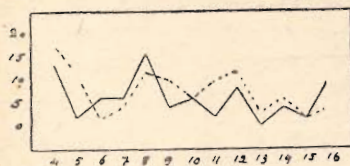


Fig. 30

Menor freqüência têm os desenhos que representam animais diversos, moveis e frutas. Não somente

(1) A mesma elevação foi observada em relação às casas, de representação fácil, nas idades superiores.

ha fraca percentagem nêses desenhos, como não conseguimos destacar um sexo do outro. Ha uma certa compensação através das idades (Figs. 31, 32 e 33).



Figs. 31 e 32

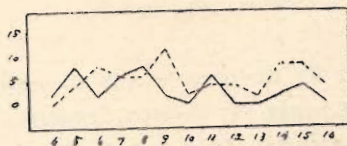
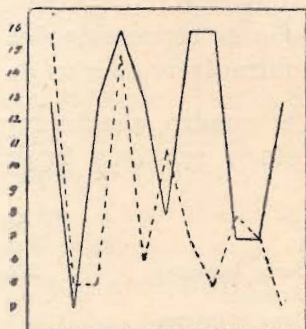
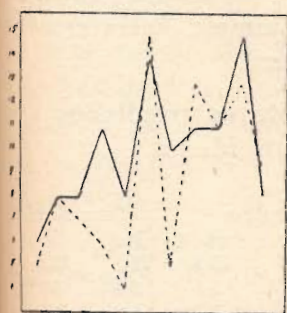


Fig. 33

O quadro abaixo representa os máximos e os mínimos de frequência de cada motivo, por idade. Tem-se assim, uma visão de conjunto que facilita a boa compreensão das preferências das crianças. E' preciso

	Máximos		Mínimos	
	M	F	M	F
Bonecos	6	5	13	16
Casas	8	8	4	5
Arvores	8	7	13	5
Flôres	11	6	16	15
Animais	8	4	13	6
Utensilios	14	15	8	11
Zepelin	10	5	16	7
Navios	11	13	16	5
Móveis	11	11	7	8
Paisagens	15	13	7	7
Frutas	8	9	13	4

entretanto notar que ainda outros motivos são desenhados, mas em fraca percentagem e por isso nós os desprezamos. (Figs. 34 e 35).



Figs. 34 e 35

Os resultados obtidos por outros autores não se dissociam dos nossos. Ballard, entretanto, que segundo C. Oakley, considerou o problema da atividade gráfica muito a sério, assinalou que o motivo que mais preferem desenhar as crianças do sexo masculino é o navio e para as do sexo feminino são plantas e casas. Preferido de alguma sorte nas primeiras idades, o desenho representando o ser humano vai sendo cada vez menos frequente, até que aos 12 anos ele volta a aparecer.

Maitland e Ivanoff admitem como sendo realmente o desenho do ser humano o mais dominante. Igual-

mente Luckens põe em destaque os bonecos, em desenhos de crianças de mais de 10 anos.

Rouma ressalta o predomínio da figura humana sôbre as demais representações livres; menos numerosas são as representações de animais. Êsses resultados se contradizem com os de Ballard.

O quadro abaixo representa os resultados deste psicologo, relativos às primeiras idades.

	Sexo Masculino			Sexo Feminino		
	3-4	5	6	3-4	5	6
Sêres humanos	23,6	14,0	13,3	26,3	22,2	20,0
Animais	6,6	4,3	3,6	9,6	3,8	3,7
Aves e insetos	3,3	3,7	3,7	1,9	3,6	3,7
Peixes	0,5	1,1	1,2	1,0	0,9	0,9
Plantas	6,6	12,7	12,2	13,5	4,4	5,2
Barcos	9,9	18,6	20,0	5,1	9,9	10,2
Casas	11,4	15,2	12,1	12,8	15,6	18,3
Armas e instrumentos	8,8	3,7	3,4	4,5	2,6	1,4
Objetos diversos	18,5	10,3	8,5	23,7	14,3	10,6
Paisagens	0	0,3	0,3	0	0,2	0,1

No seu estudo "*What London children like to draw*", Ballard diz que para chegar a êsses resultados, reuniu cerca de 20.000 desenhos, dos quais 4.500 pertenciam a crianças das primeiras (3 a 6 anos). As crianças não podiam, entretanto, desenhar livremente. Ballard, para que elas não se deixassem influenciar pelas lições da escola, dava-lhes uma lista de assuntos diferentes. Seria êste um processo pouco aconselhavel, pelo que ha nele de imposição exterior.

*

* *

T. Jonckheere no seu livro "Pedagogie au jardin d'enfants" faz referência aos resultados de um inquérito, os quais foram apresentados pela "Committee on Child Study" do "International Kindergarten Union" (Estados Unidos) ao Congresso de Detroit. A pesquisa foi feita nas escolas de 26 cidades, sendo recolhidos desenhos de 31.239 meninos e meninas de 4 a 8 anos. Apurados os resultados, foram os desenhos agrupados em 25 categorias. "Examinando a distribuição dos assuntos desenhados, nota-se que o fato mais significativo é a predominância, entre todas as cousas, de formas relativas à vida social e não a de formas que representam a natureza. E se se reunirem todos os desenhos destes dois grandes grupos, encontram-se aproximadamente 31% em relação à natureza em todas as suas manifestações e 66 % em relação aos sêres humanos e suas diversas atividades. A comparação dos desenhos no ponto de vista da idade das crianças permitiu distinguir 3 grupos: 1.º objetos cuja representação aumenta de ano a ano (passaros, arvores, edificios, bandeiras, etc.); 2.º objetos cuja representação decresce de ano a ano (homens e mulheres, frutas e legumes, ferramentas, brinquêdos, etc.); 3.º objetos cuja representação não varia senão ligeiramente (sol, lua, estrelas, flôres, veiculos).

Um fato digno de menção nos resultados da "Committee on Child Study" é que os meninos de 4 a 8 anos desenhavam com mais freqüência adultos, ao passo que entre as meninas se dá o contrario. Ainda as

meninas mostram a sua preferência pelas cousas de *menage* (sobretudo móveis), enquanto que os meninos mais interesse pelas cousas mecanicas (como carros).

O quadro que se segue mostra percentagem de vários motivos para cada sexo (C. C. S.)

Motivos	S.M.	S.F.
Adultos	9,2	6,1
Crianças	6,1	8,7
Flôres	2,3	5,2
Frutos	1,8	2,3
Animais	4,6	3,4
Móveis	5,9	10,5
Veiculos	10,6	4,0

*

* *

Um aspecto do desenho infantil que ainda se acha longe de ser bem esclarecido é o que diz respeito às diversas influências do meio em que vive a criança: a) vizinhança do mar e dos rios, de engenhos, de fabricas e de quarteis; b) infiltração do ambiente escolar no que se refere à reprodução de objetos freqüentemente vistos e desenhados e à aquisição de noções mais nítidas de proporção, perspectiva, etc.; c) efeito de fatos sensacionais, como guerras, grandes desastres, etc.

Outro aspecto que merece estudo meticoloso é o relativo á correspondencia entre os desenhos e os interesses infantís. Muito ha ainda a fixar a proposito do desenho como forma de comportamento.

CAPITULO X

Como as crianças desenham os bonecos

Características do desenho representando a figura humana. A preocupação do detalhe. As diferentes partes do corpo. A inserção dos braços. A representação total. Onde são situados os bonecos. A transparência. Desproporção e desorientação. A atitude rígida dos bonecos.

Victor Masriera, no seu livro "Manual de Pedagogia del Dibujo", reserva alguns capitulos para o estudo de como interpretam as crianças a figura humana, os animais e as arvores, capitulos que o seu autor julga de um interesse primordial para quem se dedica ao trabalho escolar. Com as ultimas pesquisas que fizemos, não nos encontramos habilitados a concluir regras gerais acerca da maneira pela qual desenhavam as crianças os animais e as arvores. Todavia as nossas coleções nos forneceram documentação apreciavel, sobre as representações dos bonecos e das casas. São aliás os motivos mais assiduamente preferidos pelas crianças entre nós.

As caraterísticas que fomos encontrando em cada idade constituíram dados valiosos para o estudo da evolução do desenho — assunto que será objeto de uma parte dèste ensaio.

Já foi dito atrás que as nossas coleções não se comparam em riqueza com as de Ballard ou as da "Committee on Child Study". Mas os resultados a que chegámos não estão longe do que se encontra universalmente estabelecido. Contudo iremos brevemente rever esses resultados, graças a nova colheita de desenhos

que estamos a fazer, por intermedio dos testes de Fay e os de Goodnough. Servindo primariamente para a determinação não verbal dos níveis mentais, constituirão material precioso para o estudo das características do desenho através das idades.

*

* *

E' curioso como as crianças revelam em seus desenhos a preocupação pelos detalhes. Em todas as idades notamos a freqüência acentuada da presença dos elementos que constituem o rosto — olhos, boca e nariz, assim como dos dedos, e por outro lado a ausência bem assinalada de partes essenciais da figura, como o tronco. Aliás essa particularidade igualmente se estende a detalhes de indumentaria — botões, bolsos, rendas, ou ainda accessorios, como cachimbo, oculos, guarda-chuva, bolsa, etc.

Temos encontrado desenhos de bonecos sem pernas e pés, mas vendo-se perfeitamente a fileira dos botões do palitô.

Rouma observa tres momentos na evolução do desenho da indumentaria. A principio a figura é nua, notando-se apenas detalhes de enfeite, como botões, bordados, chapéu. Mais tarde a figura aparece vestida; a criança representa as roupas, transparecendo, entretanto, o corpo. Enfim, a figura é representada segundo o contôrno exterior das roupas. Fica estabelecido que na evolução do desenho infantil o adôrno tem precedência sôbre as peças indispensaveis do vestuario.

Os quadros abaixo dizem bem claramente acerca da freqüência desses detalhes através das idades.

Olhos, boca e nariz

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
21	20	35	40	47	47	45	48	48	49	50	50	46	50
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
48	48	47	49	42	47	50	50	50	50	48	50	48	49

Mesmo aos 3 anos já a freqüência é bem notavel para os dois sexos. Desta data em diante sempre tende a elevar-se (Fig. 36). Para Rouma êsses elementos da fisionomia existem nos desenhos desde a fase em que só ha um círculo irregular representando a figura.

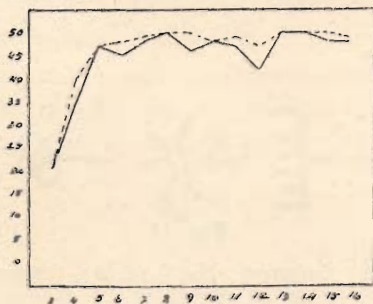


Fig. 36

Dédos

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
2	0	11	13	12	17	19	27	28	31	31	33	28	31
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
31	37	36	32	30	38	34	41	42	42	33	40	33	41

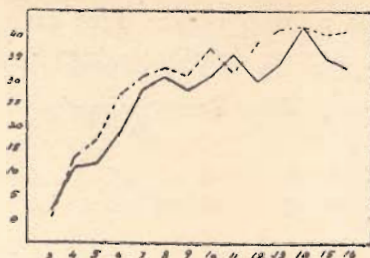


Fig. 37

Logo que a criança é capaz de desenhar com certa dõse de realismo já começa a rabiscar os dêdos. Mesmo na fase chamada do girino, até 6 anos aproximadamente, vemos freqüentemente desenhados os dêdos, sob as mais variadas e curiosas formas (Fig. 37). Encontramos dêdos sob a forma de raios de estrela, de dentes, de sol, de pente, de pés de ave, de flôr ou simples traço (Fig. 38).



Fig. 38

Diferentes formas de dêdos, encontradas nos bonecos.

PESCOÇO

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
8 1	12 9	18 20	29 27	37 4	44 43	46 46
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
42 47	46 49	47 49	47 49	46 48	48 49	49 49

A representação do pescoço não é muito freqüente nas idades menores, entre 3 e 4 anos, porque nesta época

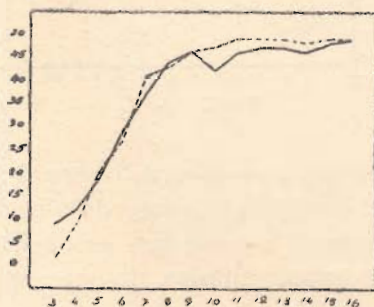


Fig. 39

ca ou ha a simples garatuja ou ha a fase do girino. Entretanto, logo que a criança é capaz de desenhar esquemas já aparecem os rabiscos representando o pescoço, às vezes círculos irregulares, equivalentes aos que representam a cabeça ou o proprio tronco (Fig. 39).

Orelhas

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
3 0	3 1	2 2	6 6	8 1	5 1	9 4
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
12 4	11 2	12 8	19 16	20 6	16 10	22 14

O mesmo não acontece com a representação das orelhas. Apesar de ser a cabeça o primeiro elemento a aparecer no desenho infantil e com ela logo os detalhes

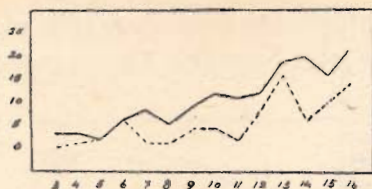


Fig. 40

— olhos, boca e nariz — só aos 9 anos é que encontramos apreciável freqüência dêsse detalhe (Fig. 40).

Rouma igualmente nota que as orelhas são menos freqüentemente representadas do que os olhos, o nariz e a boca.

Tronco

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
8 11	30 22	33 32	43 45	48 50	50 49	49 48
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
48 49	50 50	48 50	50 49	48 50	49 50	49 49

Enquanto vemos desde as primeiras idades a grande freqüência da representação dos detalhes da fisionomia, notamos nos mesmos anos muito menor freqüência da representação do tronco.

E' comum encontrarmos desenhos de girino com os detalhes da fisionomia, porque à criança ocorre primeiramente a necessidade de completar o melhor possível a cabeça. O corpo é deixado para plano secundário. Só quando ela é capaz de desenhar esquemas é que notamos o aparecimento do tronco, óra em forma de

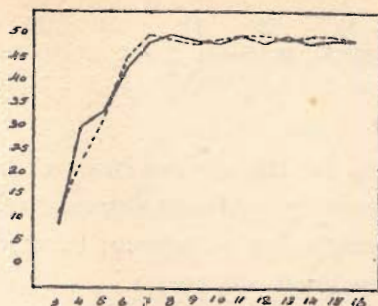


Fig. 41

quadrilátero, ora em forma de círculo, ambos irregulares. Mais tarde é que a criança requinta em detalhes, dando enfeites e adornos no espaço que deve ser o tronco (Fig. 41).

A inserção dos braços

Um aspecto que salta logo aos olhos de todo observador de desenhos infantís, quando são bonecos, é a maneira de inserir os braços no corpo. Crianças há que fazem a inserção até mesmo nas pernas; mas o que é frequente é a inserção dos braços na cabeça. Na fase chamada do girino é perfeitamente razoável que a criança faça essas inserções. Encontramos, entretanto, em fases mais adiantadas, bonecos com os braços pegados na cabeça — fato resultante da incapacidade sintética da criança (Fig. 42).

Inserção na cabeça

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
7	8	12	8	8	8	3	2	2	0	1	0	0	0

10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	1	2	1	0	1	0	0	0	0	3	1	0	0

A proposito da direção dos braços, diz Rouma que as crianças a principio dão-lhes uma direção qualquer, em geral perpendicular ao tronco; só mais tarde é que elles figuram ao longo do corpo.

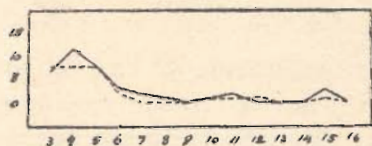


Fig. 42

Inserção no pescoço ou tronco

3		4		5		6		7		8		9	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
6	3	10	15	15	14	26	31	34	40	40	45	41	46
10		11		12		13		14		15		16	
M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
42	45	44	46	44	49	45	48	47	50	44	48	44	47

Nota-se claramente no gráfico que se segue que não é freqüente a inserção dos braços no pescoço ou no tronco nas primeiras idades. Esta particularidade, como já vimos, coincide perfeitamente com a fase em que as crianças fazem quase só a cabeça e os membros inferiores, isto é o girino (Fig. 43).

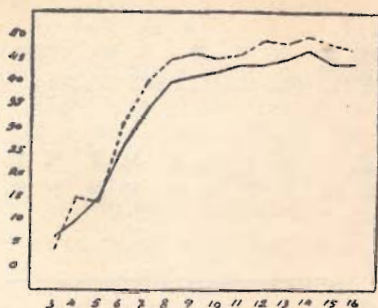


Fig. 43

A representação total

Só a partir da fase de realismo lógico é que as crianças desenhavam o boneco com todos os seus elementos. Explica-se. No período que vai até o esquematismo falta à criança capacidade sintética: os elementos ora eram simplesmente justapostos, ora eram agrupados numa ordem inteiramente falsa, sendo que sempre faltavam os elementos essenciais. Depois, já no período do realismo lógico, a preocupação da criança é representar tudo o que sabe da figura humana; reúne numa mesma síntese todos os elementos que existem no "modelo interno", para usar uma expressão muito do agrado de Luquet. A criança nada esquece. Mesmo os detalhes e os aspectos naturalmente ocultos, pela posição em que se encontra a figura, aparecem com uma frequência extraordinária. Daí a representação total do boneco se encontrar com tanta elevação a partir de sete anos (Fig. 44).

3	4	5	6	7	8	9
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
5,7 0	13,2 15,5	20,8 26,5	51,2 48,9	60 72	100 100	80 90
10	11	12	13	14	15	16
M F	M F	M F	M F	M F	M F	M F
80 84	86 94	78 98	86 96	90 94	84 96	88 92

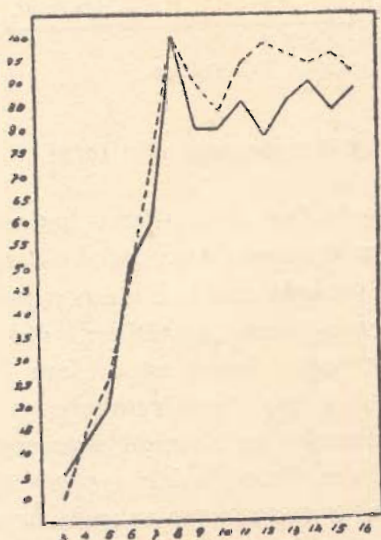


Fig. 44

Vê-se que a curva do sexo feminino sempre se encontra acima da do sexo masculino, exceção feita para os 3 e 6 anos, o que revela maior meticulosidade nas meninas.

Situação dos bonecos

Em geral os desenhos que representam os seres humanos são feitos sem apoio, como se estivessem no ar. As noções de espaço e de perspectiva só aparecem tardiamente. A partir de uma certa idade é que a criança é capaz de situar os desenhos em certo ponto do espaço, o que se pode depreender do traço ou do conjunto de traços que a criança faz ao pé das figuras. Quando mais desenvolvidas, são capazes de desenhar ao lado do boneco, uma casa, uma arvore, e às vezes, nas ultimas idades, vamos encontrar, como ambiente para esses bonecos, verdadeiras paisagens, o que é demonstração de seu senso de profundidade e perspectiva.

A proposito da representação do espaço, Rouma estabelece quatro momentos. No primeiro a criança agrupa as figuras ao longo de uma linha; no segundo verifica-se ja ligeira tentativa de representação da terceira dimensão; no terceiro aparece indicação dos planos por meio da posição das figuras; e finalmente no quarto momento surge o sentido da terceira dimensão graças aos planos já bem definidos.

A transparência

Uma particularidade que chama a atenção de quem examina coleções de desenhos de bonecos é a *transparência*. Chama Luquet transparência à característica do desenho, em certo momento, graças à qual podemos perceber os elementos invisíveis de uma figura, apesar de cobertos por outros. Não aparece essa particularida-

de sómente nos desenhos que representam a figura humana: estende-se a todos os desenhos. Nos bonecos vemos comumente aparecerem através das calças e das saias traços que indicam as pernas. Igualmente aparecem os cabelos quando cobertos por chapéus. Os braços não ocultam a porção do corpo que fica naturalmente atrás. E se o boneco se encontra à janela ou mesmo dentro de casa, é comum aparecer por inteiro. Os móveis, os carros, os animais são transparentes na concepção das crianças. Possuimos desenhos onde se vêem bonecos completos por trás de cadeiras, montados em cavalos, ou dentro de automóveis.

Ricci já havia notado essa particularidade do desenho da criança; chegou mesmo a salientar a transparência com uma das características mais interessantes dos desenhos, em certa fase de seu desenvolvimento.

E' ainda o *modelo interno* que impele a criança à representação completa dos desenhos.

Desproporção e desorientação

São duas particularidades dos bonecos desenhados pelas crianças. E' comum aparecerem cabeças maiores do que o resto do corpo, ou braços que arrastam os dedos no chão ou o contrario — bracinhos demasiadamente curtos ou ainda desiguais. Mãos imensas, dedos desformes, pés de todos os tamanhos são encontrados com freqüência. Só muito tarde é que as crianças revelam uma certa medida na dimensão de cada elemento do boneco.

Considera Schuyten, a proposito do desenvolvimento do sentido da proporção, que “na serie ascendente das idades, a curva das diferenças entre as proporções achadas e as proporções ideais não segue uma marcha bem regular; na idade de 6 anos a 6 anos e meio o afastamento da proporção teórica é ordinariamente maior do que nas outras idades” (1).

Outra característica é a falta de orientação na disposição das partes do corpo. Vemos às vezes elementos em lugares absurdos: cabeças para baixo, braços pendidos à cabeça ou às pernas, olhos à altura da boca etc. E' preciso, entretanto, salientar que cêdo vae desaparecendo essa particularidade. A desorientação cessa que não existe na fase de realismo lógico.

A attitude

Os bonecos têm quasi sempre uma mesma attitude: estranha rigidez manifestada pelos braços abertos, em cruz. Raros são os desenhos em que se nota mudança de attitude, sobretudo no largo periodo dos bonecos de face. Mais tarde, entretanto, quando a criança é capaz de fazer figuras de perfil, os braços se adeantam, mesmo sem indicarem movimento de marcha.

Num dos testes de Decroly — desenhar um balão que passa ao alto, — notamos, às vezes, um esboço de isto no boneco que representa o observador do balão — a cabeça erguida ou uma das mãos levantada. Em certa idade — exactamente no periodo chamado de rea-

(1) Citado pelo prof. J. Pereira no Boletim Oficial do Ministerio de Instrução Publica (Lisbôa).

lismo visual, encontramos alguns bonecos segurando bengalas, bolsa ou guarda-chuva.

Rouma estabelece fases da evolução do desenho do movimento. Em primeiro lugar o desenho infantil aparece numa atitude neutra, sendo o movimento expresso verbalmente. Depois ha fase dos movimentos parciais de relação, isto é, a tendência para representar o movimento por meio de uma ligação parcial entre segmentos do corpo. Ainda num terceiro momento a criança representa o movimento entre figuras dessemelhantes e independentes. E finalmente surge a fase em que o movimento principal é harmonizado com a atitude geral.